

# ORIENTAÇÕES DIOCESANAS DE PASTORAL



**AÇORES, 2022-2023**

# **Orientações Diocesanas de Pastoral**

## **Por uma Igreja Sinodal**

**Programa e Calendário Diocesano**  
**Açores, 2022-2023**



Sumário .....	3
Programa Pastoral Diocesano 2022/2023 .....	5
A Diocese de Angra em Ordem a Uma Igreja Sinodal .....	14
Descrição do Processo de Recolha de Informação .....	14
Apresentação dos resultados .....	15
Visão da Igreja atual e propostas de mudanças .....	29
Orientações Pastorais para a Celebração da Jornada Mundial da Juventude nas Igrejas Particulares .....	32
As J.M.J. ....	32
As J.M.J. nas Igrejas particulares.....	33
A celebração da JMJ em nível local .....	35
Principais pontos da J.M.J. ....	37
O Protagonismo Juvenil .....	44
Mensagem anual do Santo Padre para a JMJ .....	45
Conclusão .....	47
Ano Litúrgico - Ano Pastoral .....	48
Calendário Diocesano 2022/2023 .....	50
Calendário geral.....	58
Notas pessoais.....	59



# ORIENTAÇÕES DIOCESANAS DE PASTORAL 2022-2023

## **Linhas Programáticas fundamentais**

*‘Maria levantou-se e partiu apressadamente’ (Lc. 1, 39)’*

O Plano Pastoral 2022-23 pretende construir uma Igreja sinodal e envolver as novas gerações na comunhão, na participação e na missão. As apreensões face ao futuro que marcam o nosso tempo, fazem-nos tomar uma maior consciência do sentido e da gravidade da nossa missão perante o mundo que anseia ser mais humano e mais fraterno. A missão da Igreja enquanto reafirma a certeza de que só Jesus Cristo é a fonte e a meta da verdadeira esperança, faz-nos redescobrir a nossa identidade como discípulos missionários.

No presente ano, teremos em consideração, por um lado, as grandes propostas da Igreja Universal e, por outro, as nossas realidades locais com as suas urgências e inquietações. Neste sentido, o nosso Plano Pastoral para o ano 2022/23, terá em conta três vetores fundamentais: a sinodalidade, por ocasião do Sínodo romano sobre esta temática a acontecer em outubro de 2023 e 2024, a Pastoral Juvenil, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude, Lisboa, agosto de 2023 e o Ano Litúrgico - Ano Pastoral.

### **Objetivo Geral:**

Construir uma Igreja mais sinodal e envolver as novas gerações na missão.

### **1. ASSUMIR O DESAFIO DUMA IGREJA MAIS SINO- DAL**

- O Espírito Sinodal entre nós

A corresponsabilidade de todos os cristãos na missão da Igreja é uma das notas salientes na génese da comunidade cristã e posta em relevo nas diretrizes do Vaticano II que apelava a uma Igreja de comunhão mais efetiva entre todos: ministros ordenados e fiéis leigos. Muitos esforços foram já empreendidos nesta direção, fruto dos dinamismos conciliares, mas este é um caminho nunca plenamente realizado. Não podemos abrandar o ritmo do caminho encetado e que tem como objetivo uma Igreja mais participativa na diversidade dos carismas e ministérios.

Ao convocar toda a Igreja para um caminho sinodal nos moldes em que o fez, o Papa colocava a Igreja diante do seu “dever ser” e da sua missão de sempre. A sinodalidade é uma questão tão antiga como a Igreja, pois é constitutiva da sua génese, mas ao mesmo tempo, os contextos são novos e os sinais da modernidade lançam apelos que a Igreja não pode negligenciar.

O próximo Sínodo dos Bispos, a realizar em outubro de 2023 e 2024, convidou a um tempo de reflexão e diálogo em torno duma série de questões apresentadas que congregou um significativo número de cristãos. Quer os grupos já constituídos, quer os que se formaram com esse propósito, ou mesmo individualmente, criou-se uma rede de partilhas que evidencia uma vontade de autocrítica e de busca da renovação deveras consideráveis. Se é certo que ficámos longe de atingir um nível ideal de pessoas envolvidas nesta dinâmica, também é verdade que a participação alcançada nos permite fazer uma amostra fidedigna sobre as questões apresentadas. Foi uma experiência muito rica que poderá inspirar a um caminho sinodal que não está fechado e que deverá manter vivo o espírito do Sínodo dos Bispos.

Os trabalhos realizados entre nós, conduziram a uma síntese diocesana das partilhas recolhidas e que foi encaminhada para a Conferência Episcopal. Como fruto dos trabalhos desenvolvidos em cada diocese, a Comissão Episcopal elaborou, por sua vez, uma síntese nacional que pretende ser o contributo da Igreja em Portugal para o Sínodo dos Bispos. Todos estes esforços foram um sinal de corresponsabilidade e uma demonstração da vontade dos novos caminhos

a trilhar.

Seria importante não olhar esta fase já concluída junto das igrejas locais como uma etapa encerrada nos seus objetivos. O caminho realizado deveria motivar a que mais comunidades e grupos se abrissem à reflexão sobre a Igreja que queremos reedificar no nosso tempo continuando a partilha e buscando caminhos. Continuar a reflexão em torno das grandes questões da atualidade eclesial seria uma forma de manter vivo o espírito do Sínodo que se realizará em Outubro de 2023. Manter e incrementar o ritmo sinodal nas comunidades poderá ser um dos grandes desafios pastorais para este ano. A fidelidade e a renovação serão sempre vetores a ter em conta em cada presente da história. Cabe-nos ler os sinais dos tempos e abraçar, de forma sempre nova, o mandato missionário que Jesus confiou à sua Igreja.

### • Documento Diocesano

Uma das notas mais salientes que resultou dos contributos para o Sínodo, na nossa Diocese, é o facto de haver grande diversidade de experiências e de situações que tornam muito complexa qualquer tentativa de síntese. Ainda assim, algumas notas merecem ser evidenciadas e dignas de atenção.

Nas comunidades, há um grupo de cristãos mais comprometido, em torno do pároco, que faz habitualmente, uma experiência de participação nas grandes questões das comunidades. Com as pessoas que constituem este núcleo central nas comunidades, é mais fácil a experiência da participação e corresponsabilidade porque se trata de pessoas que sentem a comunidade e se comprometem com ela. Anota-se, no entanto, que em muitas paróquias, os Conselhos pastorais não existem e que os Conselhos para os assuntos económicos funcionam de forma deficiente. Em muitas apreciações, refere-se que o pároco não promove muito a participação dos fiéis nas decisões da comunidade, mas também se refere que em muitas situações, os párocos convidam à participação e que os fiéis fazem muita resistência em se comprometerem mais com a comunidade. Há dificuldade em

motivar mais os crentes para os serviços paroquiais.

Nesta diversidade de contextos, não é possível caminhar juntos, com todos, da mesma forma, mas sim com ritmos diferentes. Esta diversidade de ritmos é um desafio a cultivar um espírito de inclusão e de abertura, que faça ultrapassar os obstáculos que a história e os modelos de igreja ajudaram, no passado, a construir.

Mais complexas ainda, são as situações das grandes periferias existenciais onde as comunidades cristãs sentem grandes dificuldades em tocar: Os vários tipos de solidão, nomeadamente, os idosos que vivem isolados nas suas casas, os portadores de algum grau de deficiência que se debatem com inúmeras barreiras físicas e sociais, os que vivem em situações de rutura social, os divorciados, os de orientação sexual diferente, os de ideologias divergentes da cultura cristã, os de etnias minoritárias e as mais diversas formas de marginalização. Apesar de serem realidades complexas, muito mais se pode fazer sob a inspiração do evangelho. O individualismo e o quietismo, o consumismo religioso e a superficialidade podem também segregar ou marginalizar, dificultando a missão de abraçar a todos, segundo o espírito do Vaticano II: “todos são candidatos à santidade”.

O secularismo e o indiferentismo religioso estão entre as preocupações maiores da Igreja e a emancipação dos batizados face à comunidade é uma das feridas maiores que obstaculiza a missão da Igreja. Só uma Igreja que torne mais presente a pessoa de Jesus na história poderá atrair mais e iluminar mais os caminhos da história.

Podemos concluir, a partir dos contributos recebidos, que o que está em questão é a passagem duma Igreja de cristandade estruturada nos parâmetros do binómio Hierarquia-Laicado, para uma Igreja que se deseja edificada na base do binómio Carismas-Ministérios. A imagem de Igreja das Cartas paulinas ou dos Atos dos Apóstolos, deverá servir de inspiração para a reconfiguração da Igreja no nosso tempo. Refontalizar a imagem da Igreja poderá ser um bom princípio para refletir sobre a natureza e a missão da Igreja tal como se propôs o Vaticano II, na Constituição sobre a igreja, *Lumen Gentium*, em ordem ao Jubileu de 2025.

- **Objetivo específico:**

Do que fica dito, parece-nos oportuno definir o objetivo específico e torno da questão sinodal para o próximo ano, nos seguintes termos:

Incentivar o espírito sinodal como caminho de renovação eclesial.

- **Propostas de Ação:**

A partir dos pressupostos apresentados, elencamos as seguintes propostas de ação:

- Divulgar a síntese diocesana das reflexões realizadas junto das comunidades e tirar as devidas conclusões nas instâncias próprias, nomeadamente, no Conselho Pastoral, no Conselho de Presbíteros, no Conselho dos Responsáveis dos Departamentos da Pastoral;

- Aproveitar a síntese diocesana para incentivar a partilha e o diálogo entre os grupos paroquiais como forma de manter vivo o espírito do Sínodo a realizar em outubro de 2023;

- Aproveitar o espírito sinodal para a elaboração dos temas de formação para os grupos paroquiais e movimentos;

- Criar Conselhos Pastorais Paroquiais onde não existem e revitalizar os já existentes como forma de concretizar o desiderato do espírito conciliar e do dinamismo da sinodalidade;

- Tornar mais ativos os Conselhos para os assuntos económicos, obrigatórios segundo o CDC, mas a necessitar duma maior vitalidade nas nossas comunidades;

- Convocar movimentos, associações e conselhos paroquiais como expressão dum renovado espírito de comunhão sinodal.

## **2. JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE - LISBOA 2023**

O anúncio do Papa Francisco, convocando toda a Igreja para a Jornada Mundial da Juventude em Lisboa, a realizar no mês de agosto de 2023, encheu-nos de grande alegria e de redobrada esperança.

Este acontecimento afigura-se como um momento único de louvor e de júbilo, não só para as gerações mais novas, mas para toda a comunidade cristã. Anuncia-se uma verdadeira e autêntica experiência de Igreja, com os sinais da alegria e da festa que caracterizam as novas gerações que são capazes de contagiar os ambientes e testemunhar como ninguém a beleza do evangelho e o compromisso da fé.

Quando em 2019/20 abraçámos o desafio dum Plano Pastoral em torno do tema da Esperança, tínhamos já no horizonte da nossa ação pastoral a Jornada Mundial da Juventude. Este grande evento só podia impulsionar-nos para os horizontes da Esperança. Ao longo dos últimos três anos, elaborámos um percurso pastoral que nos conduziu a um empenho assumido em torno da JMJ. Estamos todos convocados para este grande acontecimento, que pela sua dimensão, tem a força de ultrapassar as fronteiras da própria Igreja para se afirmar no coração da sociedade. Trata-se do maior acontecimento alguma vez realizado em Portugal que exige dos cristãos a congregação de todas as forças e de todos os meios. A JMJ, Lisboa 2023, deve ser olhada como uma oportunidade única que não podemos desperdiçar e que deverá levar os jovens à redescoberta da comunidade cristã como forma de compromisso na transformação do mundo.

Desde a iniciativa do saudoso Papa S. João Paulo II, em 23 de março de 1986, ao convocar a Jornada Mundial da Juventude para Roma, estas Jornadas têm sido um sinal bem visível do dinamismo da Igreja e da sua capacidade de atrair os jovens para Cristo. Muitos viram reforçadas as opções da sua fé e a comunhão com a Igreja através da experiência vivida por ocasião das JMJ. Não poucos sentiram o apelo a uma entrega mais comprometida com a Igreja e acabariam por abraçar a vocação sacerdotal ou de vida consagrada. Muitos outros aceitaram o desafio de serem membros ativos nas suas comunidades, na catequese, na liturgia e na ação social. Os horizontes duma JMJ são insondáveis e manifestam a ação do Espírito Santo na história.

Ao convocar mais uma vez a JMJ, a Igreja está a manifestar a importância que dá aos jovens e o quanto conta com eles para a sua

renovação. Este evento que envolve a Igreja inteira é uma ocasião oportuna para solidificar a pastoral juvenil e redefinir os critérios da ação da Igreja junto das novas gerações, aceitando dialogar com os padrões culturais que caracterizam os nossos tempos e moldam as opções das novas gerações. Só com os jovens poderemos construir o futuro da Igreja e do mundo. Sem os jovens a Igreja sentirá hipotecada a sua missão. A JMJ é também uma forma da Igreja se apresentar perante o mundo como parceira idónea para a construção dum mundo mais fraterno, mais humano e mais solidário.

• **Objetivo específico:**

Tendo bem presente o significado da JMJ para a vida da Igreja em geral e das comunidades em particular, definimos o nosso objetivo específico nos seguintes termos:

Envolver a comunidade cristã com os jovens para a JMJ.

• **Linhas de ação:**

Este ano pastoral será marcado pela preparação próxima da JMJ de Lisboa. Um evento com tão grande relevo eclesial vai exigir de todos nós um redobrado esforço na nossa ação pastoral junto das comunidades. Todos estamos convocados para esta missão e os frutos da JMJ serão correspondentes ao nosso empenho e compromisso pastoral.

As linhas de ação e as dinâmicas serão coordenadas pelo Departamento Diocesano da Juventude em articulação com a coordenação nacional da Jornada Mundial da Juventude. Em comunhão com a Igreja em Portugal, implementaremos ao longo deste ano pastoral, os dinamismos e planificações necessárias que levem a um incremento progressivo do espírito pretendido. A Jornada Mundial da Juventude é um acontecimento que requer um exercício de unidade e interação entre todas as dioceses de Portugal. Acolher as diretrizes do Comité nacional e aplicá-las na nossa Diocese de forma coordenada e eficaz

é um imperativo necessário para o bom êxito da JMJ de Lisboa. Cabe ao Comité Organizativo Diocesano (COD) esta exigente tarefa que pretende envolver ao máximo os jovens da nossa diocese gerando nas paróquias as dinâmicas necessárias para esse fim.

O COD está estruturado com diversas áreas de ação para poder responder a todas as solicitações. A sua coordenação cabe ao Diretor Diocesano da Pastoral Juvenil que contará com uma vasta equipa para os diversos sectores: Secretariado, Atividades Pastorais, Conteúdo Digital, Redes Sociais, Finanças, Programação Geral, Logística, Inscrições, Voluntários, Espiritualidade e Parcerias.

É missão do COD fazer chegar às paróquias e aos jovens em geral todas as informações emanadas a nível nacional. Uma boa articulação entre o COD e as paróquias será fundamental para motivar os jovens para o espírito da JMJ e a sua participação na mesma. Desta articulação resultarão as atividades a desenrolar ao longo deste ano pastoral tendo em vista todo o processo de envolvimento com os nossos jovens ao longo do ano, o acolhimento dos jovens, que de vários países, estarão connosco para os “dias na Diocese” e, finalmente, a participação na JMJ de Lisboa.

As paróquias são a estrutura de base da vida cristã e deverão constituir o principal campo de ação em ordem à JMJ de Lisboa. É certo que hoje se sente uma grande dificuldade em motivar os jovens para a experiência da fé e ainda mais para a sua inserção na comunidade cristã. O documento sinodal diocesano dá conta das dificuldades em transmitir a fé às novas gerações apontando as dificuldades perante os ritmos e estilos de vida dos jovens, a linguagem na era digital e as suas motivações face ao futuro. Muitos são os fatores que tornam complexa a relação dos jovens com a Igreja.

As dificuldades sentidas, longe de provocarem uma atitude de demissão, hão-de gerar uma onda de entusiasmo e motivação, com esforços redobrados e um maior empenho por parte dos responsáveis nas comunidades: párocos, catequistas, animadores. Esta é uma hora de convocar todos para a missão, ultrapassando os pessimismos e abraçando os desafios do momento com os seus obstáculos e com os

seus encantos.

Nas paróquias dotadas das condições mínimas para o efeito, é criado um Comité Organizativo Paroquial para a dinamização dos jovens em ordem à JMJ. É tarefa própria do COP acolher as diretrizes diocesanas e implementar as orientações necessárias juntos dos jovens nas comunidades. O COP, em articulação com o pároco deverá criar o dinamismo paroquial necessário para a vivência da JMJ. Entre outras, destacam-se as seguintes tarefas:

- Incentivar os jovens da comunidade em ordem à participação na JMJ;
- Aproveitar o dinamismo da JMJ para criar novos grupos de jovens;
- Aplicar as linhas programáticas das JMJ em ligação com o COD;
- Acolher os jovens de outros países nos dias na Diocese;
- Promover um relacionamento saudável com as instituições da sociedade civil, convidando-as a ser parceiras do acolhimento dos participantes das JMJ;
- Refletir sobre as provocações pastorais da JMJ;
- Perspetivar o pós-Jornada Mundial;

## **A DIOCESE DE ANGRA EM ORDEM A UMA IGREJA SINODAL**

### **I. Descrição do processo de recolha de informação**

A Diocese de Angra nos Açores está em situação de sede vacante desde 21 de setembro de 2021, o que levou à dissolução dos Conselhos Presbiteral e Pastoral Diocesano bem como à incerteza de qualquer programação diocesana a médio e longo prazo; viu-se afetada pela pandemia e pelos confinamentos desde março de 2020 até março de 2022; nesta data começa uma crise sísmo - vulcânica na ilha de São Jorge. Estas situações alteraram as dinâmicas e ritmos das comunidades, para além de razões anteriores a estes fenómenos. Por outro lado, há a vantagem de se ter dado início em 2019 a um processo pastoral designado por «caminhada sinodal – a beleza de caminharmos juntos em Cristo», assumido e validado ainda pelos ditos Conselhos Presbiteral e Pastoral Diocesano, tendo dado origem a uma assembleia diocesana alargada.

Assim, a fase diocesana preparatória do sínodo dos bispos de 2023 cruzou-se, no último ano, com o 3º. ano da caminhada sinodal diocesana, sendo distintos os temas, mas idênticos o espírito, estilo, método e propósito. Logo em 2019 foi nomeada uma comissão diocesana coordenadora da caminhada sinodal constituída por vários presbíteros, uma religiosa e vários leigos, sendo três deles jovens, representativos das três regiões pastorais da Diocese. Esta comissão foi nomeada pelo então Bispo de Angra para ser a referência local na fase diocesana de preparação do sínodo dos bispos de 2023. O primeiro ano 2019-2020 foi o mais fecundo, tendo vindo a decrescer a participação quando esta é pedida cumulativamente com a fase diocesana de preparação do sínodo dos bispos. Por um lado, nota-se um desejo de mudança e por outro, um certo descontentamento com a situação geral da Igreja e da sociedade.

Depois de uma análise às linhas mestras da cultura contem-

porânea nos Açores, à situação económica e social e à situação religiosa e eclesial atual, com o apoio da Universidade e do Seminário foi realizada a assembleia diocesana, com base na primeira auscultação, tendo-se chegado à conclusão de que faz falta uma Igreja evangelizadora, missionária, integradora, em diálogo com o mundo e ministerial. Estas cinco dimensões pautaram o trabalho durante dois anos. Para esta caminhada fez-se uma oração e um desdobrável amplamente difundidos, um logotipo e um hino, edição de três cadernos com orientações para os três anos pastorais respetivos, em versão de papel e digital, e ainda um volume com a recolha de todo o trabalho realizado ao longo desse tempo, a apresentar no ano 2022-2023.

A auscultação para o Sínodo Universal de 2023 foi feita a partir dos conselhos pastorais paroquiais, com base em perguntas de difícil entendimento para os destinatários, em reuniões realizadas no início de cada ano pastoral com padres das Ouvidorias, Conselhos Pastorais e outros leigos, sendo definido um caminho com as seguintes etapas: trabalho nas Paróquias, nas Zonas Pastorais e nas Ouvidorias. A síntese é o resultado dos contributos das assembleias sinodais realizadas nas Ouvidorias, com representantes das paróquias e seus párocos, das Religiosas, do Instituto Católico de Cultura, de um Inquérito de Auscultação Online; dos docentes de E.M.R.C. e elementos da Equipa de Jovens e da Pastoral Universitária, do Serviço da Pastoral Familiar Diocesana e do Movimento Encontro Matrimonial e ainda de vinte e cinco personalidades que foram convidadas a responder ou a fazer comentários aos dez núcleos temáticos que se seguem.

## **II – Apresentação dos resultados**

### **1. Os companheiros de viagem**

Quando dizemos “a nossa Igreja” fazemos referência à

Igreja de Jesus Cristo, no seu todo e na sua expressão local, quer diocesana, quer paroquial. Desta Igreja fazem parte todos os cristãos católicos batizados, leigos, sacerdotes, bispos e, no caso das paróquias mesmo aqueles que residem fora do território da paróquia. Tanto os fiéis que frequentam regularmente como os que não participam frequentemente no culto, embora conservem uma fé católica intensa e sincera. A Igreja é por definição a comunidade de todos os que acreditam e procuram a Cristo.

Aqueles que querem e pedem para “caminhar juntos” são todos aqueles que estão de coração aberto aos ensinamentos e vivências de uma plena vida cristã. Os que sentem a necessidade interior de proclamar a sua fé junto de uma Igreja que os compreende e que os serve, que eles próprios compreendem e servem. São os que têm uma fé esclarecida e fundamentada na “palavra” e não veem a Igreja como “um “supermercado de sacramentos” da qual se lembram quando é necessário um “álbum de fotos” para colocar nas redes sociais ou dar sepultura a algum familiar. São aqueles que não veem a Igreja como “assistência social”, mas que usam a “assistência social” para divulgar e testemunhar a palavra de Deus.

Contudo, a imagem da Igreja, na sociedade de hoje, é a de uma instituição envelhecida, tradicionalista, muito focada nos ritos e pouco focada na mensagem. Uma instituição que vai na onda da população, mais interessada em celebrar a festa popular ou o santo padroeiro. Uma Igreja de muito “bater no peito”, de missas e comunhões, mas de pouca vivência e testemunho do evangelho.

À margem da Igreja ficam aqueles que dela se autoafastaram ou, por variados motivos e razões foram afastados. Todos aqueles que se desviaram dos caminhos de Deus ou que não

participam na vida cristã e aqueles que a Igreja decide marginalizar, não com base no testemunho de Cristo, mas com base nas suas concepções imperfeitas acerca da natureza humana. Deixamo-los à margem por falta de iniciativa dos que se encontram ativos, e por falta de informação atualizada. Esta situação deve-se principalmente às circunstâncias que a sociedade atual impõe nos modos de vida das populações. Vivemos numa sociedade de consumo e sempre com muita pressa, que não nos dá tempo para olhar o próximo, para quem está ao nosso lado. Torna-se urgente incentivar a criação, entre irmãos, dos valores e vínculos fundamentais à fé e à vida cristã.

A sociedade à margem é enorme e cada vez mais à margem, porque a Igreja não consegue transmitir a Palavra de forma eficaz, e os seus Cristãos encontram-se demasiado acomodados e não se desinstalam dos seus templos para ir ao encontro do outro, nas suas casas, nos seus empregos, nos seus tempos livres. Deixamos à margem os que se afastam, quem chega de novo e quem não conhecemos, as razões são várias, sendo as principais o nosso comodismo e a falta de articulação entre os vários movimentos. Todos somos responsáveis pelas “periferias”. O comodismo, a falta de voluntariado, a ausência do verdadeiro espírito cristão são as principais razões de não termos uma sociedade mais solidária e uma Igreja mais inclusiva. Existe muita falta de iniciativa, informação, formação, testemunho e vivência da fé.

Era necessário ouvir todos aqueles que por uma razão ou outra se afastaram da Igreja, ou da prática de vida eclesial, mas que continuam a ter fé. Ouvir os divorciados os recasados, os que se dizem agnósticos ou ateus; ouvir os jovens que, tocados pelos meios de comunicação social, têm uma visão deturpada da Igreja. Ela precisa: sair para ouvir, estar em contacto com as pessoas, e não continuar a ser alimentada por

pessoas que vivem e se alimentam de protagonismo.

Infelizmente estamos a viver uma onda de muita “manutenção” ao nível das nossas paróquias, instituições e movimentos. Estamos muito centrados nos de dentro e pouco ou nada preocupados com os de fora e os que já abandonaram a Comunidade. É necessário fazer missão na comunidade, na família, no trabalho, ir ao encontro dos batizados que se afastaram.

Os grupos excluídos deverão ser a prioridade de ação da sinodalidade, sem descuidar o trabalho com aqueles que já caminham juntos. Deus, na Sua Palavra pede-nos para caminhar juntos, sem exceção.

Os companheiros de viagem são a comunidade em geral, batizados e não batizados. Há um grande caminho a percorrer nas nossas comunidades no sentido de tornar a caminhada um objetivo comum de Partilha e Salvação para todos, na direta proporção do que acontece nas sociedades modernas no geral.

## **2. Ouvir**

As pessoas são acolhidas e escutadas principalmente nos lugares de culto, centros pastorais e paroquiais, gabinetes de apoio, confessionários, encontros de reflexão, formação ou retiros, palestras, reuniões, encontros de partilha de experiências. São também acolhidas em encontros personalizados, quando elas próprias pedem para ter uma conversa mais a nível individual sobre questões existenciais, espirituais ou de esclarecimento da fé e da vida cristã. As pessoas são acolhidas e escutadas pelos párocos, algumas vezes mal acolhidas, e por membros dos diversos grupos e movimentos. O acolhimento e a escuta, em algumas situações, deixa muito a desejar, havendo experiências bastante negativas e marcantes com alguns leigos. Não existe uma cultura de receber e acolher o outro,

mas sim de atender.

A escuta é também feita nos diversos fóruns promovidos pela Igreja, como os sacramentos, as festividades, os órgãos de gestão e as diversas iniciativas de cariz civil. Nota-se a ausência de um grupo de acolhimento para aqueles que chegam de novo à comunidade, sendo que por vezes perdem-se oportunidades de contato muito importantes. Surgem caras novas que começam a frequentar regularmente a Igreja e não se faz um bom acolhimento.

Nem sempre os leigos conseguem manifestar a sua opinião. Os Conselhos Pastorais não reúnem com a periodicidade desejada. Os cristãos devem ser mais ativos e pró-ativos nas paróquias e diversas instâncias da Igreja, bem como na sociedade. Os Conselhos Pastorais devem promover a integração dos leigos na paróquia.

As maiores dificuldades sentidas são: a falta de espaços próprios para proceder ao acolhimento; a necessidade de reforçar os recursos humanos e físicos preparados para um acolhimento mais digno; a falta de disponibilidade, associada à falta de compromisso e à falta de vocação, das pessoas para promover o acolhimento e a escuta. Há também dificuldade em assegurar um diálogo sincero e sem receios, que tenha efeitos práticos. Se o diálogo é condicionado ou sistematicamente não produz efeitos, acaba por ser inútil, esmorecendo o interesse da comunidade. Por vezes também não existem pessoas disponíveis, com sabedoria e paciência para escutar e encaminhar os mais desorientados na vida pessoal, espiritual e social. As pessoas deverão ser acolhidas como família de Jesus. ‘Vejam como eles se amam’, diziam das primeiras comunidades. O amor continua a ser o fundamental no acolhimento.

A Igreja não pode estar contente com a meia dúzia de pessoas que pratica, precisa de sair urgentemente ao encontro das pessoas, porque são cada vez menos os que se reveem na Igreja.

### **3. Tomar a Palavra**

O diálogo na Paróquia, Ouvidoria e Diocese existe, mas não o suficiente. Existe um certo “isolamento” traduzindo-se no individualismo, egocentrismo e falta de tempo disponível. Sente-se que existe vontade, ou pelo menos, o desejo de escutar todos por parte das diversas instâncias e da Diocese, contudo, depois da escuta feita muito fica pelo caminho, deixando, em alguns casos, a impressão de que o diálogo foi só isto, deixando a percepção de que tudo já está decidido, escolhido e orientado.

Apesar da existência de diálogo não se controlam os resultados deste diálogo nem a sua eficiência. Ao querer-se muito, por vezes consegue-se pouco. Sugere-se que houvesse uma redução da quantidade de objetivos a atingir pelas paróquias, começando-se pelos mais prioritários e, à medida que fossem alcançados, ir-se-ia colocando novos objetivos numa dinâmica de continuidade e crescimento.

O diálogo com a Diocese está sempre dependente de uma estratificação organizativa que exige intermediários. Na Igreja, à semelhança de Cristo, o diálogo devia ser direto, evitando a sua diluição pelos órgãos e pelos seus agentes.

Sempre que as situações assim o exigem, é feito um trabalho em conjunto com paróquias, com Ouvidorias e com a Diocese. Na Diocese não se sente haver diálogo ou escuta, apenas informação divulgada.

O Diálogo entre grupos é reduzido. Os grupos não se conhecem entre si, não sabem o que os outros fazem, funcionam essencialmente para dentro e sem um trabalho coordenado com objetivos comuns.

A melhor maneira de promover o diálogo entre organismos, sem ambiguidades e oportunismos é fazer um caminho sinodal a nível de paróquia onde todos se sentem, se dêem a conhecer e traçam objetivos, caminhando para um mesmo fim. A humildade de escutar deve corresponder à coragem de falar, como descrevem os documentos sinodais. Todos têm o direito de ser ouvidos, tal como todos têm o direito de falar. Não se trata de entrar em debate para convencer os outros. Trata-se, antes, de acolher o que os outros dizem como um modo através do qual o Espírito Santo pode falar para o bem de todos.

Os preconceitos que se associam a determinadas diretrizes da Igreja, fundadas no Evangelho, mas erradamente interpretadas pela sociedade em geral, transformam-se numa forma de julgamento ao próximo. Estes são o resultado do não ouvir com o coração e usar a “medida humana” para avaliar as intenções divinas que só têm como objetivo a nossa felicidade. A nossa Igreja comunitária, infelizmente, sofre muito deste mal em todos os quadrantes, e até nas hierarquias, à semelhança da Igreja universal. Assim, os que caem com frequência em erros que entram em conflito com alguns valores defendidos pela Igreja sentem-se, por vezes, alvo do preconceito dos outros. A voz destas minorias que, pouco a pouco se estão tornando nas novas maiorias das nossas comunidades, deverão ser mais ouvidas nas suas vivências e problemas, a fim de se lhes dar esperança e o conforto que a Palavra de Deus quer dar a todos, sem exceção.

#### 4. Celebrar

A pandemia Covid-19 afetou a vida das pessoas a nível espiritual, social e económico. Lançou verdadeiros desafios logísticos, mas também deu a oportunidade de revitalização da Igreja num momento crítico para a história humana.

No pós-pandemia, a comunidade recomeçou as suas diversas celebrações e atividades com a participação ativa nas Eucaristias, demais Sacramentos e na oração. Contudo, em algumas das nossas igrejas, verifica-se atualmente, nas celebrações litúrgicas, um afastamento generalizado das suas comunidades paroquiais. O alimento espiritual que os sacramentos proporcionam aos fiéis não é verdadeiramente condicionado pela pandemia. Ela serviu de pretexto para agravar dinâmicas que já lhe eram anteriores. As pessoas foram-se acomodando ao confinamento e vão faltando às eucaristias, e outras celebrações.

A pandemia não pode ser desculpa para todos os males. Os casais jovens não participam nas celebrações ou por medo da pandemia ou por falta de prática religiosa. É importante encontrar estratégias que integrem os jovens na comunidade paroquial. Considera-se que a promoção de uma participação ativa e de qualidade deverá em primeiro lugar, privilegiar a promoção do estabelecimento de uma relação de proximidade com as pessoas. Em segundo lugar tornar as comunidades paroquiais locais onde as populações se identifiquem e que lhes dê conforto, comunidades dinâmicas ajustadas aos tempos atuais. É preciso dar segurança às pessoas para voltarem. Fazer celebrações dinâmicas, não muito longas. Há que promover a participação dos leigos na vida das comunidades e não fazer destes meros agentes passivos. Dinamizar a adoração ao Santíssimo Sacramento e uma maior preparação para

os sacramentos, promover e realizar momentos de oração, ao nível de paróquia, zona e ouvidoria, recuperar a Religiosidade Popular.

A pandemia pôs a nu as fragilidades humanas, onde ninguém é poupado. A disciplina, a convivência social e a solidariedade evidenciaram a sua importância. O Homem parece não ter aprendido muito com a pandemia. O verdadeiro espírito e vida cristã ainda está longe do Caminho da Salvação.

## **5. Corresponsáveis na missão**

A missão da Igreja é de todos e para todos, mas, nem todos se sentem motivados, entusiasmados e muito menos comprometidos. Existem alguns cristãos ativos, mas poucos colaboram na missão pastoral nas suas várias vertentes. Há falta de militância, compromisso e envolvimento. Muitos pensam que ser um cristão ativo é apenas participar na eucaristia dominical e demais celebrações da comunidade. Habitualmente os leigos são mais ativos na paróquia do que na ouvidoria ou diocese.

O maior e mais importante apoio é o exemplo que se pode dar e os conselhos para uma maior eficiência, embora haja algum receio na crítica construtiva. Em todas as áreas da vida pessoal ou profissional, o testemunho cristão é importante.

Enraizados na profundidade evangélica, é nosso dever colaborar na proteção e renovação da criação de Deus: Cuidar da casa comum! A urgência da conversão ecológica está na ordem do dia e todos somos responsáveis por esta temática.

A responsabilidade social faz-se através de um acompanhamento continuado. Deverão criar-se equipas de fiéis ou membros da Igreja - especialistas em matérias que incorpo-

ram a sociedade atual, para a prestação de serviço social.

A Igreja deve assegurar uma formação permanente e de qualidade aos seus fiéis, liberta dos preconceitos do passado e assente num conhecimento aprofundado da palavra de Deus. Os valores cristãos devem ser fundamentados numa análise crítica e esclarecida da Teologia, da História da Igreja e, sobretudo, da Bíblia. Existe um grande défice de formação, formação de base e nas diversas áreas pastorais, e particularmente no que toca à Doutrina Social da Igreja.

Para aqueles que se disponibilizam, a Igreja, através dos seus movimentos, procura dar-lhes uma formação religiosa e formação específica nas diversas áreas onde irão atuar. Existe apoio cristão dado aos membros comprometidos nas diferentes áreas com ações formativas, o que falha é a comunicação e divulgação das referidas ações. Aos membros comprometidos no ensino catequético, existe formação pontual e encontros mensais, mas é necessário aprofundar.

## **6. Dialogar na Igreja e na sociedade**

Divergências, formas de ser e pensar diferentes sempre existiram e existirão, e é natural que existam e aconteçam: a Igreja vive e cresce também de tensões e com tensões. De um modo geral, as divergências são dirimidas com bom-senso, diálogo, aceitação das próprias diferenças e colmatam-se com base na inteligência emocional – entender as dificuldades e ajuizar o certo – seguindo sempre os fundamentos da fé cristã.

O conflito é saudável quando partilhado; a sua resolução é sinal de crescimento. Quando os envolvidos entram em diálogo aberto e estão prontos a perder as suas ideias para encontrar uma solução de consenso, estão a contribuir sempre para um bem maior. Nas Ouvidorias e na Diocese nota-se ainda

demasiado centralismo.

É necessário, através da compreensão, do diálogo e da escuta, ir ao encontro do outro, discernir e passar à ação. É preciso um esforço especial para enfrentar as divergências de visão. O Espírito Santo é o protagonista e nós temos de escutar-nos uns aos outros a todos os níveis: nas divergências de visão, nas dificuldades e nos conflitos, nas crises de fé e urgências de renovação da vida pastoral. As divergências deverão ser resolvidas nos locais certos, com as pessoas devidas e sempre à luz do Evangelho; mais que o consenso deve imperar o “querer e a vontade de Deus”. Sempre que o exemplo de Cristo for colocado no centro da vida do cristão, essas divergências irão necessariamente desaparecer.

### **7. Com as outras confissões cristãs**

O diálogo inter-religioso ainda não é praticado. As relações ecuménicas não são tão amplas como deviam ser. Desde há alguns anos, com algumas Igrejas Cristãs, mantém-se a celebração da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos. A Igreja Católica ainda está muito fechada em si própria, embora haja algumas manifestações e celebrações conjuntas, nomeadamente por ocasião da dita Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos.

Não são conhecidas verdadeiras práticas inter-religiosas, possivelmente devido à baixa representatividade de outras religiões na Região. Todavia, sobretudo as comunidades imigrantes, trazem consigo outras práticas religiosas. Do ponto de vista social e religioso, numa procura incessante pelo outro, existe um grande benefício na prática ecuménica. A valorização da diversidade e a descoberta dos pontos em comum trazem grandes benefícios à comunidade alargada dos homens em todas as suas dimensões.

O primeiro passo a ser dado deverá ser formar e informar sobre o que é o ecumenismo, pensar e conhecer as outras Igreja/relições sem complexos ou medos, e deixarmos de pensar que a nossa Igreja é que está certa, que é a melhor, que nós é que somos os bons e os outros são “pagãos”. É preciso tomar a iniciativa para reunir, discutir e decidir com os organismos próprios e responsáveis. Poderia ser feito um levantamento de outras religiões que existem na região de modo que todas as comunidades religiosas soubessem quem está próximo de si e, assim, se procurassem encontros ecumênicos.

Importa ouvir as pessoas afastadas da fé e da religiosidade, por vezes críticas em relação à Igreja. Não é fácil porque talvez não estejam interessadas em participar no processo sinodal. Somos convidados a ser uma Igreja em saída às periferias, a ser uma Igreja de estilo diferente.

## **8. Autoridade e participação**

A autoridade é importante na gestão do serviço, embora haja situações de autoritarismo que afastam os leigos da prática religiosa. O exercício da autoridade depende do perfil e da capacidade de liderança de cada um. Uns mais austeros, outros mais democráticos, uns mais competentes, outros menos, uns mais ambiciosos, outros menos. Também depende da comunidade que tem de cuidar e acompanhar. As comunidades têm as suas particularidades. É preciso inculturar-se na própria comunidade e, a partir daí, fazer um trabalho pastoral evangelizador, caritativo e litúrgico.

O princípio simplifica tudo – olhar para Jesus Cristo e subestimar a arrogância. Infelizmente a autoridade tem servido para muitos, padres e leigos, para “subirem na vida”, adquirirem estatutos e tirar proveitos e dividendos. Há situações em que o serviço da autoridade é exercido como o “quero, posso e mando”, com agressividade e arrogância, muitas vezes ro-

çando a falta de educação. Há muita soberba e vaidade, muita ostentação e muito pouca humildade, quer da parte dos padres quer dos leigos. A Diocese através das ouvidorias deveria ser mais agregadora das paróquias de modo a sentir o pulsar das necessidades e realidades.

A maior dificuldade à prática da sinodalidade na nossa Igreja dos Açores será o facto de serem nove ilhas dispersas e cada uma com as suas próprias características. Também a atual sociedade que não sente necessidade da prática cristã e vive à margem das questões sinodais; basta observarmos que as pessoas de prática cristã e inseridas nos movimentos e serviços da Igreja são maioritariamente idosas e são cada vez menos. Outra dificuldade é o trabalho e suas exigências, bem como o desinteresse da Igreja pela própria Igreja. Cada um deve expor-se ao diálogo e ao serviço sem preconceitos nem juízos.

Outra dificuldade na prática da sinodalidade da Igreja é a ideia e o conceito que ainda muito prevalece: uma Igreja piramidal, extremamente hierarquizada, onde, na maior parte dos casos, os leigos só fazem parte do consultivo. Há muito clericalismo e pouca comunhão ao contrário do que preconizou o Concílio Vaticano II.

### **9. Decidir e discernir**

Quem pensa e decide são os principais responsáveis pelos serviços Diocesanos, das Ouvidorias e Paróquias. Os Conselhos Eclesiais, Conselhos Pastorais Paroquiais e Diocesanos, os Conselhos Económicos, entre outros.

O que se verifica é que em muitas paróquias há falta de dinamismo nos conselhos paroquiais. Deverá ser dado mais protagonismo aos leigos nas paróquias e demais estruturas da

Igreja, mas para isso o papel dos sacerdotes é fundamental. Ouvir a espontaneidade de opinião – sempre com o despreendimento necessário, para depois com a resiliência devida, atuar.

Infelizmente, na Igreja, os leigos praticamente só participam em órgãos consultivos, cabendo as decisões e a palavra final aos eclesiais. Passar mais do consultivo ao deliberativo implica uma maior observação e auscultação dos problemas existentes, seguida de resoluções competentes e adequadas, que nem sempre coincidirão com a opinião maioritária. É importante assegurar uma formação aprofundada e esclarecida à semelhança daquilo que fazem as mais reconhecidas ordens e prelaturas católicas. Passar os nossos conselhos de consultivos a deliberativos implica reduzir a influência do clero onde os padres “resolvem e decidem tudo”.

### **10. Formar-se na sinodalidade**

O essencial e importante para a formação de cristãos esclarecidos e adultos na fé, assenta no ensino, formação e divulgação da Palavra de Deus. Consiste em recrutar os que estão no comodismo da fé, a fim de melhor a compreender, interpretar e testemunhar; o que deverá ser feito através de contatos diretos e também ouvindo o testemunho de outros cristãos, mais esclarecidos e ativos.

Mostrar que a Igreja tem espaço para todos e está disponível para escutar diferentes opiniões, visões e ideias. Incentivar os responsáveis para a escuta e diálogo sensibilizando-os para a cultura e contexto em que vivemos.

Infelizmente confunde-se muito formação com conferências, colóquios e seminários que, na prática são para uma minoria de cristãos, e sempre os mesmos. Para o comum do

nosso povo, simples e não muito letrado praticamente não há nada e o que há, não os cativa nem os entusiasma. As formações terão de ser dinâmicas, entusiasmantes, práticas e acessíveis a todos. Escolas bíblicas para todos os adultos que enfermem de uma catequese desadequada que foi ministrada no século passado. Na formação deve-se incidir nas orientações do Papa seguindo as suas Encíclicas e Catequese, recorrendo ao conhecimento dos peritos nas questões mais prementes dos nossos dias. A oferta de uma catequese de adultos, a nível de paróquia ou zona, anualmente, seria excelente para a formação da comunidade.

Temos que ser missionários junto das nossas comunidades, que estão altamente materializadas desprezando o espiritual. Muitos dos que foram batizados, fizeram a catequese, receberam a Eucaristia e o Crisma e depois dispensaram-se no que diz respeito à sua participação em Igreja. Temos muitos cristãos batizados vivendo como cristãos de festas e funerais que não conseguem sequer acompanhar os rituais.

O grande desafio que é lançado aos sacerdotes é que partilhem a sua experiência e saber às suas comunidades que não se pode confinar às homilias dominicais. A formação é o fator essencial dos valores cristãos. É necessário começar por formar e atualizar o próprio clero com vista à uniformização e atualização de conhecimentos, de interpretação e de divulgação da Palavra de Deus. É importante referir que, para uma boa formação carecemos de bons formadores: embora com muita boa vontade, existe muito amadorismo.

### **III – Visão da Igreja atual e propostas de mudança**

1. Continuar, a partir das bases, a esclarecer e a desenvolver o processo sinodal.

2. Acompanhar o pós-sínodo 2023 sabendo das orientações gerais e das conclusões.

3. Haver um esquema de inspiração sinodal na Diocese que a ative em todas as direções com experiências e práticas atuais.

4. Ligar a caminhada futura com o Ano Santo 2025, no tema: “Peregrinos da Esperança”.

5. Na linha da celebração futura dos 500 anos da Diocese ver qual o texto e contexto da realização de um Sínodo Diocesano frutuoso e atual.

6. Maior participação e celeridade na nomeação de um Bispo, sobretudo numa diocese que durante largos meses se vê carente dele.

7. Esclarecimento sobre questões morais, como por exemplo, a atualidade da «*Humanae Vitae*» e algumas ambiguidades que a «*Amoris Laetitia*» deixa em aberto, relativamente à comunhão sacramental de pessoas em «situações irregulares».

8. Esclarecimento sobre questões sacramentais, como por exemplo, a absolvição coletiva como forma alternativa e livre na prática no sacramento da reconciliação.

9. Possibilidade da dispensa de padrinhos nos sacramentos de batismo e confirmação ou revisão das condições para o ser.

10. Sobre a inclusão na fé e prática da Igreja ver a situação de casais do mesmo sexo que vivem em união de facto e pessoas que mudam de sexo, bem como outras formas de exclusão por razões éticas.

11. Valorizar o ministério da caridade, tal como já se faz com os ministérios instituídos da Palavra e da Liturgia.

12. Cuidar da vida espiritual e da conversão ao evangelho como atitude essencial, antes de questões funcionais ou de organização, levando a não exigir a mudança ao outro sem perguntar, «que devo eu mudar?».

13. Maior disponibilidade dos párocos para a escuta, acolhimento e acompanhamento.

14. Rever a eficácia de uma catequese para sacramentos sem que se faça e aconteça uma iniciação cristã efetiva.

15. Atenção à vida fraterna, amizade e proximidade dentro dos grupos e comunidades.

16. Autoridade partilhada, sobretudo a partir dos conselhos pastorais e económicos, bem como dos centros sociais paroquiais, não ficando o peso administrativo sobre o pároco.

17. Valorizar a escuta dos fiéis que muitas vezes não é considerada, nem valorizada, ficando os participantes cansados de fazer diagnósticos e não verem a aplicação das propostas.

18. O lugar do Seminário na Diocese: vocações, formação espiritual e académica – sua relação com a Universidade Católica Portuguesa.

19. Elaboração de planos pastorais a partir dos «gritos» e das necessidades das pessoas, com menos objetivos a atingir, focando-se em algum ou alguns mais prioritários.

20. Acompanhar e aproveitar a dinâmica das Jornadas Mundiais da Juventude para a evangelização com os jovens.

Angra do Heroísmo, 29 de junho de 2022

***A Comissão Diocesana Coordenadora  
da Caminhada Sinodal***

# ORIENTAÇÕES PASTORAIS PARA A CELEBRAÇÃO DA JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE NAS IGREJAS PARTICULARES

## 1. As Jornadas Mundiais da Juventude

A instituição das Jornadas Mundiais da Juventude foi, sem dúvida, uma grande intuição profética de São João Paulo II, que assim explicou os motivos da sua decisão: «Todos os jovens devem sentir-se acompanhados pela Igreja: por isso toda a Igreja, em união com o Sucessor de Pedro, sintam-se ainda mais empenhada, em nível mundial, em favor da juventude, das suas ansiedades e solicitudes, das suas aberturas e esperanças, para corresponder às suas expectativas, comunicando a certeza que é Cristo, a Verdade que é Cristo, o amor que é Cristo...».

O Papa Bento XVI “tomou o bastão” das mãos do seu predecessor e, em várias ocasiões, buscou sempre evidenciar como estes eventos representem um dom providencial para a Igreja, definindo-os “um remédio contra o cansaço do crer”, “um modo novo, rejuvenescido do ser cristão”, “uma nova evangelização ao vivo”.

Também para o Papa Francisco, as Jornadas Mundiais da Juventude constituem um impulso missionário de extraordinária força para toda a Igreja e, em particular, para as jovens gerações. Poucos meses após a sua eleição, inaugurou o seu pontificado com a JMJ do Rio de Janeiro em julho de 2013, ao término da qual disse que aquela JMJ tinha sido «uma nova etapa na peregrinação dos jovens através dos continentes com a Cruz de Cristo. Nunca podemos esquecer – explicou – que as Jornadas Mundiais da Juventude não são “fogos de artifício”, momentos de entusiasmo com a finalidade em si mesmos; trata-se de etapas de um longo caminho, encetado em 1985, por iniciativa do Papa João Paulo II».

E depois esclareceu um ponto central: «Recordemos sempre: os jovens não seguem o Papa, seguem Jesus Cristo, carregando a sua Cruz. E o Papa guia-os e acompanha-os ao longo deste caminho de fé e de esperança».

Como se sabe, as celebrações internacionais do evento acontecem geralmente com cadência trienal, cada vez em um país diferente, com a participação do Santo Padre. Já a celebração ordinária da Jornada realiza-se anualmente nas Igrejas particulares, que assumem em autonomia a organização do evento.

## **2. As JMJs nas Igrejas particulares**

A Jornada Mundial da Juventude celebrada em cada Igreja particular há um grande significado e valor não somente para os jovens que vivem naquela determinada região, mas para toda a comunidade eclesial local.

Alguns jovens, por objetivas dificuldades de estudo, de trabalho ou financeiras não têm a possibilidade de participar das celebrações internacionais de tais Jornadas, razão pela qual é bom que cada Igreja particular ofereça-lhes também a possibilidade de viver em primeira pessoa, mesmo que em nível local, uma “festa da fé”, um evento forte de testemunho, de comunhão e de oração análogo às edições internacionais, que marcaram profundamente a existência de tantos jovens nas mais diversas partes do mundo.

Ao mesmo tempo, a Jornada Mundial da Juventude celebrada em nível local reveste um significado de extrema importância para cada Igreja particular. Esta serve a sensibilizar e a formar a comunidade eclesial em seu conjunto – leigos, sacerdotes, consagrados, famílias, adultos e idosos – para que se torne sempre mais consciente da sua missão de transmitir a fé às novas gerações. A Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos sobre o tema: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional” (2018) recordou que toda a Igreja, universal e particular

e cada membro seu, deve sentir-se responsável pelos jovens e estar disponível a deixar-se interpelar pelas suas questões, pelos seus desejos e pelas suas dificuldades. A celebração destas Jornadas dos jovens em nível local, portanto, é extremamente útil para manter viva a consciência eclesial da urgência de caminhar com os jovens, acolhê-los e escutá-los com paciência, anunciando-lhes a Palavra de Deus com carinho e energia.

Com referência à celebração da JMJ em nível local, este Dicastério, no âmbito de suas competências, elaborou algumas Orientações pastorais, destinadas às Conferências episcopais, aos Sínodos das Igrejas Patriarcais e Arcebispos Maiores, às dioceses/parquias, aos movimentos eclesiais e associações e – não em último lugar – aos jovens de todo o mundo, para que a “JMJ diocesana/parquial” seja vivida plenamente como momento celebrativo “para os jovens” e “com os jovens”.

Tais Orientações pastorais querem encorajar as Igrejas particulares a valorizar sempre mais a celebração diocesana da JMJ e a considerá-la uma ocasião propícia para programar e realizar com criatividade iniciativas das quais emerge que a Igreja considera a própria missão com os jovens «uma prioridade pastoral decisiva na qual deve investir tempo, energias e recursos». É necessário fazer com que as jovens gerações percebam que estão no centro da atenção e da solicitude pastoral da Igreja. Os jovens, de fato, querem ser envolvidos e valorizados, para sentir-se coprotagonistas da vida e da missão da Igreja.

As indicações que seguem têm em mente principalmente cada diocese, como âmbito próprio de expressão da Igreja local. É claro, porém, que precisam ser adaptadas às diversas situações nas quais a Igreja se encontra a viver nas várias regiões do mundo. Pensemos, por exemplo, no caso de dioceses/parquias de pequenas dimensões, que dispõem de poucos recursos humanos e materiais. Nestes casos concretos, ou onde se vir a conveniência pastoral, é possível que circunscrições

limitrofes ou sobrepostas unam suas forças para celebrar a Jornada dos jovens entre mais de uma circunscrição, ou em nível de região eclesiástica, ou em nível nacional.

### **3. A celebração da JMJ em nível local na Solenidade de Cristo Rei**

Ao final da celebração eucarística na Solenidade de Cristo Rei no dia 22 de novembro de 2020, o Papa Francisco quis dar um novo impulso à celebração da JMJ nas Igrejas particulares e anunciou que, a partir de 2021, esta celebração, tradicionalmente realizada no Domingo de Ramos, acontecerá no Domingo da Solenidade de Cristo Rei.

A esse respeito, recordamos que São João Paulo II, exatamente na Solenidade de Cristo Rei de 1984 convocou os jovens a um encontro, em ocasião do Ano Internacional da Juventude (1985), que – junto com a convocação do Jubileu dos Jovens no Ano da Redenção (1984) – marcou o início do longo caminho das JMJs: «Nesta festa [...] – disse ele – a Igreja proclama o Reino de Cristo, já presente, mas ainda em misterioso crescimento rumo à sua plena manifestação. Vocês, jovens, são portadores insubstituíveis da dinâmica do Reino de Deus, da esperança da Igreja e do mundo». Esta, então, foi a gênese da JMJ: no dia de Cristo Rei, jovens de todo o mundo foram convidados «a vir a Roma para um encontro com o Papa, no início da Semana Santa, sábado e domingo de Ramos».

De fato, não é difícil perceber a ligação entre o Domingo de Ramos e Cristo Rei. Na celebração de Ramos, faz-se memória da entrada de Jesus em Jerusalém como a de um «rei manso e montado em um jumento» (Mt 21,5) e aclamado como Messias pela multidão: «Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor!» (Mt 21,9). O evangelista Lucas acrescenta explicitamente a condição de “Rei” à aclamação da multidão dirigida “àquele que vem”, enfatizando assim que o

Messias também é Rei, e que sua entrada em Jerusalém representa, de certa forma, uma entronização real: «Bendito o Rei que vem em nome do Senhor» (Lc 19,38).

A dimensão real de Cristo é tão importante para Lucas que aparece do início ao fim da vida terrena de Jesus Cristo e acompanha todo o seu ministério. Na Anunciação, o anjo profetiza a Maria que o filho que ela concebeu receberá de Deus «o trono de Davi seu pai; e reinará eternamente sobre a casa de Jacó, e o seu reino não terá fim» (Lc 1,32-33). E no momento dramático da crucificação, enquanto os outros evangelistas se limitam a mencionar os insultos dos dois crucificados ao lado de Jesus, Lucas apresenta a figura comovente do "bom ladrão" que ora a Jesus desde o patíbulo da cruz, dizendo: «Lembra-te de mim, quando entrares no teu reino» (Lc 23,42). As palavras de acolhimento e perdão que Jesus pronuncia em resposta a esta oração deixam claro que Ele é um Rei que veio para salvar: «Hoje estarás comigo no paraíso» (Lc 23,43).

O forte anúncio que deve ser dirigido aos jovens e que deve estar no coração de cada MJM diocesana/eparquial celebrada no dia de Cristo Rei é portanto: Acolham a Cristo! Recebam-no como Rei em suas vidas! Ele é um Rei que veio para salvar! Sem ele não há verdadeira paz, não há verdadeira reconciliação interior e não há verdadeira reconciliação com os outros homens! Sem o seu Reino, até mesmo a sociedade perde a sua face humana. Sem o Reino de Cristo, toda verdadeira fraternidade e toda autêntica proximidade com aqueles que sofrem desaparecem.

O Papa Francisco lembrou que no centro das duas celebrações litúrgicas, Cristo Rei e Domingo de Ramos, «permanece o Mistério de Jesus Cristo Redentor do homem...». O coração da mensagem, portanto, continua a ser que a grandeza do homem deriva do amor que sabe se entregar aos outros "até o fim".

Desse modo, o convite para cada diocese/eparquia é que

celebre a JMJ na Solenidade de Cristo Rei. De fato, é desejo do Santo Padre que, nesse dia, a Igreja universal coloque os jovens no centro de sua atenção pastoral, reze por eles, faça gestos que os tornem protagonistas, promova campanhas de comunicação, etc. Idealmente, um evento (diocesano/eparquial, regional ou nacional) deveria ser organizado no próprio dia de Cristo Rei. Entretanto, por várias razões, pode ser necessário realizar o evento em outra data.

Esta celebração deve ser parte de um caminho pastoral mais amplo, do qual a JMJ é apenas uma etapa. Não é por acaso que o Santo Padre recomenda que «a pastoral juvenil só pode ser sinodal, ou seja, capaz de dar forma a um caminhar juntos».

#### **4. Principais pontos da JMJ**

No decorrer do Sínodo dos Bispos sobre o tema "Os jovens, a fé e o discernimento vocacional", várias intervenções dos padres sinodais se referiram à Jornada Mundial da Juventude. A esse respeito, o Documento Final diz: «A Jornada Mundial da Juventude – que nasceu duma intuição profética de São João Paulo II e permanece um ponto de referência inclusive para os jovens do terceiro milénio – e os encontros nacionais e diocesanos[eparquiais] desempenham um papel importante na vida de numerosos jovens, porque proporcionam uma experiência viva de fé e de comunhão, que os ajuda a enfrentar os grandes desafios da vida e a assumir responsabilmente o seu lugar na sociedade e na comunidade eclesial».

E enfatizando que essas convocações remetem «ao acompanhamento pastoral ordinário das várias comunidades, onde o acolhimento do Evangelho deve ser aprofundado e traduzido em opções de vida», o Documento afirma que tais momentos «oferecem a possibilidade de caminhar na lógica da peregrinação, experimentar a fraternidade com todos, partilhar

jubilosamente a fé e crescer na pertença à Igreja».

Exploremos alguns destes “pontos principais” que devem estar no coração de cada JMJ, também na sua dimensão local, e que portanto assumem claro valor programático.

### **a. A Jornada dos jovens seja uma “festa da fé”**

A celebração da JMJ oferece aos jovens uma experiência viva e alegre de fé e comunhão, um espaço para experimentar a beleza do rosto do Senhor. No coração da vida de fé está o encontro com a pessoa de Jesus Cristo, através do qual em cada JMJ é bom que ressoe para cada jovem o convite a encontrar Cristo e iniciar um diálogo pessoal com Ele. «É a festa da fé, quando juntos louvamos o Senhor, cantamos, escutamos a Palavra de Deus, permanecemos em silêncio de adoração: tudo isto é o ápice da JMJ».

Nesse sentido, o programa das JMJs internacionais (dimensões querigmática, formativa, testemunhal, sacramental, artística, etc.) pode inspirar realidades locais, que poderão adaptá-lo de forma criativa. Deve ser dada especial atenção aos momentos de adoração silenciosa da Eucaristia, como ato de fé por excelência, e às liturgias penitenciais, como lugar privilegiado de encontro com a misericórdia de Deus.

Além disso, deve-se ter em mente que em cada JMJ, o entusiasmo natural que os jovens têm, o entusiasmo com que abraçam as coisas que os envolvem e que também caracteriza a forma como vivem sua fé, tudo isso estimula e revigora a fé de todo o povo de Deus. Convocados pelo Evangelho e convidados a uma experiência com o Senhor, os jovens muitas vezes se tornam testemunhas corajosas da fé e isso sempre torna o evento da JMJ algo surpreendente e único.

### **b. A Jornada dos jovens seja uma “experiência de Igreja”**

É importante que a celebração diocesana/eparquial da JMJ se torne uma ocasião em que os jovens possam experimentar a comunhão eclesial e crescer em sua consciência de ser parte integrante da Igreja. A primeira forma de envolvimento dos jovens deve ser a escuta. Na preparação da Jornada diocesana/eparquial da juventude, é necessário encontrar tempos e modos apropriados para que a voz dos jovens seja ouvida dentro das estruturas de comunhão existentes: conselhos diocesanos/eparquiais e interdiocesanos/eparquiais, conselhos presbiterais, conselhos locais dos bispos.... Não esqueçamos que eles são o rosto jovem da Igreja!

Os diversos carismas presentes na circunscrição devem poder encontrar seu lugar ao lado dos jovens. É fundamental que a organização da celebração diocesana/eparquial da JMJ seja coral, envolvendo os vários estados de vida, em uma proposta de trabalho sinodal, como desejava o Santo Padre na *Christus vivit*: «Animados por este espírito, poderemos avançar para uma Igreja participativa e corresponsável, capaz de valorizar a riqueza da variedade que a compõe, acolhendo com gratidão também a contribuição dos fiéis leigos, incluindo jovens e mulheres, a da vida consagrada feminina e masculina e a de grupos, associações e movimentos. Ninguém deve ser colocado nem deixado colocar-se de lado». Desta forma, será possível reunir e coordenar todas as forças vivas da Igreja particular, bem como despertar aquelas que estão "adormecidas".

Neste contexto, a presença do bispo local e sua disponibilidade para estar entre os jovens constituem, para estes mesmos, um grande sinal de amor e de proximidade. Não raro, para vários jovens, a celebração diocesana/eparquial da JMJ torna-se uma oportunidade de encontro e diálogo com seu pastor. O Papa Francisco encoraja este estilo pastoral de proximidade, onde «deve-se privilegiar a linguagem da proximidade, a linguagem do amor desinteressado, relacional e existencial que toca o coração, atinge a vida, desperta esperança e anseios».

### **c. A Jornada dos jovens seja uma “experiência missionária”**

A JMJ em nível internacional tem-se revelado uma excelente oportunidade para dar aos jovens uma experiência missionária. Assim também deve ser para a diocesana/eparquial. Como diz o Papa Francisco, «a pastoral juvenil deve ser sempre uma pastoral missionária».

Nesse sentido, podem ser organizadas missões nas quais os jovens são convidados a visitar as pessoas em suas casas, trazendo-lhes uma mensagem de esperança, uma palavra de conforto ou simplesmente oferecendo-se para ouvir. Aproveitando seu entusiasmo, os jovens – sempre que possível – também podem ser protagonistas de momentos de evangelização pública, com cantos, orações e testemunhos, nas ruas e praças da cidade onde seus pares se encontram, porque os jovens são os melhores evangelizadores da juventude. Sua própria presença e sua fé alegre já constituem uma "proclamação viva" da Boa Nova que atrai outros jovens.

A promoção de atividades nas quais os jovens experimentam o trabalho voluntário, o serviço gratuito e a autodoação também deve ser encorajada. Não se deve esquecer que no domingo anterior à Solenidade de Cristo Rei, a Igreja celebra a Jornada Mundial dos Pobres. Que melhor ocasião para promover iniciativas nas quais os jovens doam seu tempo, sua força aos mais pobres, aos marginalizados, àqueles que são descartados pela sociedade. Desta forma, é oferecida aos jovens a possibilidade de se tornarem «protagonistas da revolução da caridade e do serviço, capazes de resistir às patologias do individualismo consumista e superficial».

### **d. A Jornada dos jovens seja uma “ocasião de discernimento vocacional” e uma “chamada à santidade”**

Dentro de uma forte experiência de fé, eclesial e missionária, a prioridade deve ser dada à dimensão vocacional. É uma abordagem gradual que antes de tudo faz os jovens entenderem que toda sua vida é colocada diante de Deus que os ama e os chama. Deus os chamou primeiramente à vida, chama-os continuamente à felicidade, chama-os a conhecê-lo e a ouvir sua voz e, sobretudo, a aceitar seu Filho Jesus como seu mestre, seu amigo, seu Salvador. Reconhecer estas "vocações fundamentais" e confrontar-se com elas representa um primeiro grande desafio para os jovens porque, quando são levados a sério, estes primeiros "chamados" de Deus já apontam para escolhas de vida exigentes: a aceitação da existência como um dom de Deus, a ser vivido portanto em referência a Ele e não de forma auto referencial; a escolha de um estilo de vida cristão, nos afetos e relações sociais; a escolha do percurso de estudos, do compromisso com o trabalho e de todo o seu futuro de tal forma que esteja totalmente em sintonia com a amizade com Deus que se abraçou e se quer preservar; a escolha de fazer de toda a existência um dom para os outros, a ser vivido em serviço e amor altruísta. São escolhas muitas vezes radicais, em resposta a Deus que chama, que dão uma direção decisiva a toda a existência dos jovens. «A vida é o tempo das escolhas vigorosas, decisivas e eternas. – esclareceu o Papa Francisco aos jovens – Escolhas banais levam a uma vida banal; escolhas grandes tornam grande a vida».

Dentro deste "horizonte vocacional" mais amplo, também não há necessidade de temer propor aos jovens a escolha inevitável daquele estado de vida que está de acordo com o chamado que Deus dirige a cada um deles individualmente, seja o sacerdócio ou a vida consagrada, também na forma monástica, ou o matrimônio e a família. Neste sentido, pode ser de grande ajuda o envolvimento de seminaristas, pessoas consagradas, casais e famílias que, com sua presença e testemunho, ajudem a despertar nos jovens as justas questões vocacionais

e o desejo de lançar-se na busca do "grande projeto" que Deus planejou para eles. No delicado processo que os deve levar a amadurecer estas escolhas, os jovens devem ser acompanhados e prudentemente iluminados. Quando o tempo estiver maduro, então eles devem ser encorajados a fazer sua própria escolha pessoal com decisão, confiando na ajuda de Deus, sem permanecer em um estado perpétuo de indeterminação.

Na base de toda escolha vocacional deve haver o chamado ainda mais fundamental à santidade. A JMJ deve fazer ressoar nos jovens o chamado à santidade como o verdadeiro caminho para a felicidade e a auto realização. Uma santidade comensurável com a história e o caráter pessoal de cada jovem, sem estabelecer limites aos caminhos misteriosos que Deus tem reservado para cada um, que podem levar a histórias heróicas de santidade – como aconteceu e ainda acontece com muitos jovens – ou àquela "santidade ao pé da porta" da qual ninguém é excluído. É, portanto, apropriado aproveitar ao máximo o rico patrimônio dos santos da Igreja local e universal, irmãos mais velhos na fé, cujas histórias nos confirmam que o caminho da santidade não só é possível e praticável, mas dá grande alegria.

### **e. A Jornada dos jovens seja uma “experiência de peregrinação”**

A JMJ tem sido, desde o início, uma grande peregrinação. Uma peregrinação através do espaço – de diferentes cidades, países e continentes ao lugar escolhido para o encontro com o Papa e os outros jovens – e uma peregrinação através do tempo – de uma geração de jovens a uma outra que "pegou o bastão" – que marcou profundamente os últimos trinta e cinco anos de vida da Igreja. Os jovens da JMJ são, portanto, um povo de peregrinos. Não viajantes sem rumo, mas um povo unido, peregrinos "caminhando juntos" para uma meta, para

um encontro com Alguém, o Único capaz de dar sentido à sua existência, o Deus feito homem que chama cada jovem a se tornar seu discípulo, a deixar tudo e "seguir-lo". A lógica da peregrinação exige essencialidade, convida os jovens a deixar para trás as seguranças confortáveis e vazias, a adotar um estilo de viagem sóbrio e acolhedor, aberto à Providência e às "surpresas de Deus", um estilo que educa para superar a si mesmos e enfrentar os desafios que surgem ao longo do caminho.

A celebração diocesana/eparquial da JMJ, portanto, pode propor maneiras concretas para que os jovens tenham experiências reais de peregrinação. Experiências, ou seja, que encorajam os jovens a deixar suas casas e pôr-se em caminho, durante o qual aprendem a conhecer o suor e a fadiga do proceder, o cansaço do corpo e a alegria do espírito. Com frequência, de fato, através da peregrinação juntos descobrimos novos amigos, experimentamos a empolgante convergência de ideais enquanto olhamos juntos para o objetivo comum, o apoio mútuo nas dificuldades, a alegria de compartilhar o pouco que temos. Tudo isso é de vital importância nos tempos atuais, nos quais muitos jovens correm o risco de se isolar em mundos virtuais e irrealis, longe da poeira das "estradas do mundo". Privados, portanto, daquela profunda satisfação que vem da dura e paciente conquista do objetivo desejado, não com um simples clique, mas com a tenacidade e perseverança do corpo e da alma. Neste sentido, a Jornada diocesana/eparquial da juventude é uma oportunidade valiosa para as gerações mais jovens descobrirem santuários locais ou outros lugares significativos de piedade popular, levando em conta o fato que «as várias manifestações de piedade popular, especialmente as peregrinações, atraem jovens que não se inserem facilmente nas estruturas eclesiais e são uma expressão concreta da confiança em Deus».

## **f. A Jornada dos jovens seja uma “experiência de fraternidade universal”**

A JMJ deve ser uma ocasião de encontro para os jovens, não só para os jovens católicos. «Cada um dos jovens tem algo a dizer aos outros, tem algo a dizer aos adultos, tem algo a dizer aos sacerdotes, às religiosas, aos bispos e ao Papa!».

Neste sentido, a celebração diocesana/eparquial da JMJ pode ser um momento oportuno para que todos os jovens que vivem em uma determinada área se reúnam e dialoguem uns com os outros, para além de suas crenças, de sua visão de vida, de suas convicções. Todo jovem deve se sentir convidado a participar e ser acolhido como um irmão. É preciso construir «uma pastoral juvenil capaz de criar espaços inclusivos, onde haja um lugar para todo o tipo de jovens e onde se manifeste, realmente, que somos uma Igreja com as portas abertas».

## **5. O protagonismo juvenil**

Como já mencionado, é importante que os agentes da pastoral juvenil estejam cada vez mais atentos ao envolvimento dos jovens em todas as etapas do planejamento pastoral da JMJ, segundo um estilo sinodal-missionário, valorizando a criatividade, a linguagem e os métodos próprios de sua idade. Quem conhece mais do que eles a linguagem e os desafios de seus coetâneos? Quem é mais capaz de alcançá-los através da arte, das mídias sociais...?

O testemunho e a experiência dos jovens que já participaram das JMJs internacionais merecem ser valorizados na preparação do evento diocesano/eparquial. Em algumas Igrejas particulares, após sua participação na JMJ internacional ou na organização de iniciativas para jovens em nível nacional e diocesano/eparquial, jovens que são "veteranos" dessas experiências têm sido envolvidos na criação de equipes de pastoral

juvenil em diversas áreas: paroquial, diocesana/eparquial, nacional, etc. Isso mostra que quando os jovens se tornam protagonistas em primeira pessoa na realização de eventos realmente significativos, eles facilmente fazem próprios os ideais que inspiraram esses eventos, compreendem a sua importância com suas mentes e corações, tornam-se apaixonados por eles e estão dispostos a dedicar tempo e energia para compartilhá-los com os outros. Experiências fortes de fé e serviço muitas vezes dão origem a uma vontade de se comprometer com o trabalho pastoral ordinário da própria Igreja local.

Reiteramos, portanto, que é necessário ter a coragem de envolver e confiar papéis ativos aos jovens, tanto aqueles que vêm das diferentes realidades pastorais presentes na diocese quanto aqueles que não pertencem a nenhuma comunidade, grupo de jovens, associação ou movimento. A JMJ diocesana/eparquial pode ser uma bela oportunidade para destacar a riqueza da Igreja local, evitando que os jovens menos presentes e menos "ativos" nas estruturas pastorais estabelecidas se sintam excluídos. Todos devem se sentir "convidados especiais", todos devem se sentir esperados e bem-vindos, em sua singularidade irrepetível e riqueza humana e espiritual. O evento diocesano/eparquial, portanto, pode ser uma ocasião propícia para estimular e acolher todos aqueles jovens que talvez estejam procurando seu lugar na Igreja e que ainda não o encontraram.

## **6. Mensagem anual do Santo Padre para a JMJ**

Todos os anos, em vista da celebração diocesana/eparquial da JMJ, o Santo Padre publica uma Mensagem para os jovens. Portanto, seria oportuno que os encontros preparatórios e a própria JMJ diocesana/eparquial fossem inspirados pelas palavras que o Santo Padre dirigiu aos jovens, em particular, pela passagem bíblica que é proposta na Mensagem.

Também seria importante que os jovens ouvissem a Palavra de Deus e a palavra da Igreja a partir da voz viva de pessoas próximas a eles que conhecem profundamente seu temperamento, sua história, seus gostos, suas dificuldades e lutas, suas expectativas e esperanças e que, portanto, sabem aplicar bem os textos bíblicos e magisteriais às situações concretas da vida que os jovens ali presentes estão vivendo. Este trabalho de mediação, realizado na catequese e no diálogo, ajudar também os jovens a saberem identificar as formas concretas de dar testemunho da Palavra de Deus que ouviram e de vivê-la em sua vida cotidiana, de encarná-la na família, nos ambientes de trabalho ou de estudo, entre amigos.

A direção proposta por esta Mensagem, destinada a acompanhar o caminho da Igreja universal com os jovens, poderia, portanto, ser declinada com inteligência e grande sensibilidade cultural, levando em conta a realidade local. Também poderia inspirar o caminho da pastoral juvenil da Igreja local, sem esquecer as duas grandes linhas de ação que o Papa Francisco indicou: busca e crescimento.

Não é de excluir que a Mensagem também possa ser veiculada através de várias expressões artísticas ou iniciativas de caráter social, como o Santo Padre convidou a fazer em sua Mensagem para a XXXV JMJ: «[proponham] ao mundo, à Igreja, a outros jovens, algo de belo no campo espiritual, artístico e social». Além disso, seu conteúdo também poderia ser retomado em outros momentos significativos do ano pastoral, tais como: o mês missionário, o mês dedicado à Palavra de Deus ou às vocações, levando em conta as indicações das diversas Conferências Episcopais.

Por último, mas não menos importante, a Mensagem do Santo Padre poderia tornar-se o tema de vários outros encontros para jovens, propostos por agentes de pastoral juvenil da Igreja local, por associações ou movimentos eclesiais.

## 7. Conclusão

A celebração diocesana/eparquial da JMJ é sem dúvida uma etapa importante na vida de cada Igreja particular, um momento privilegiado de encontro com os jovens, um instrumento de evangelização do seu mundo e de diálogo com os mesmos. Não esqueçamos que «a Igreja tem tantas coisas para dizer aos jovens, e os jovens têm tantas coisas a dizer à Igreja».

As Orientações Pastorais contidas nestas páginas pretendem ser um guia que apresente as motivações ideais e possíveis implementações práticas para que a JMJ diocesana/eparquial se torne uma oportunidade para trazer à tona o potencial para o bem, a generosidade, a sede de valores autênticos e grandes ideais que cada jovem carrega dentro de si. Portanto, reiteramos o quanto é importante que as Igrejas particulares dediquem atenção especial à celebração da Jornada Diocesana/eparquial da Juventude, para que ela possa ser devidamente valorizada. Investir nos jovens significa investir no futuro da Igreja, significa promover as vocações, significa iniciar efetivamente a preparação remota das famílias de amanhã. É, portanto, uma tarefa vital para cada Igreja local, não simplesmente uma atividade acrescentada a outras.

Confiemos à Virgem Maria o caminho da pastoral juvenil no mundo inteiro. Maria, como o Papa Francisco tão bem nos lembra em *Christus vivit*, «vê este povo jovem amado por Ela, que A procura fazendo silêncio no próprio coração, ainda que haja muito barulho, conversas e distrações ao longo do caminho. Mas, diante dos olhos da Mãe, só há lugar para o silêncio cheio de esperança. E, assim, Maria ilumina de novo a nossa juventude».

O Santo Padre Francisco aprovou a publicação deste documento, Cidade do Vaticano, 22 de abril de 2021 Aniversário da entrega da Cruz da JMJ aos jovens.

### 3. ANO LITÚRGICO-ANO PASTORAL

O ano é tido como a unidade mais longa do tempo dos homens, segundo o ritmo cíclico da terra à volta da sua fonte de luz.

Partindo do dia da Páscoa, como sua fonte de luz, o Ano litúrgico não é um calendário de festas, mas o desenrolar dos diferentes aspetos do único mistério de Cristo. No seu conjunto, o Ano litúrgico é imagem e “sinal sacramental” do plano eterno de salvação, que inclui o mistério de Cristo.

Assim, em cada ano, com o tempo do Advento e da manifestação do Senhor inaugura-se o novo Ano litúrgico, no qual a Igreja «considera seu dever celebrar em determinados dias do ano, a memória sagrada da obra de salvação do seu divino Esposo. Em cada semana, no dia a que se chamou domingo, celebra a memória da Ressurreição do Senhor, como a celebra também uma vez no ano na Páscoa, a maior das solenidades, unida à memória da sua Paixão. [A Igreja] distribui todo o mistério de Cristo pelo correr do ano, da Encarnação e Nascimento, à Ascensão, ao Pentecostes, e à expectativa da feliz esperança e da vinda do Senhor» (Sacrosanctum Concilium, 102).

No atual contexto cultural e pelo ritmo da sociedade, é natural que o Ano litúrgico sofra o impacto dos fenómenos característicos da industrialização, urbanização, secularização, consumismo, tempo livre, férias e em certos aspetos, causa uma verdadeira colisão de calendário. Hoje, que se sente tanto a necessidade de um calendário próprio e diferente a nível mundial, nacional, diocesano, paroquial, terá ainda sentido o Ano litúrgico?

Na verdade, o Ano litúrgico não é mais um ano-calendário, mas marca a centralidade da vida cristã, que deve ritmar toda a ação eclesial. Na realidade, as harmoniosas disposições sobre o Ano litúrgico não se expressam, porém, sem distorções

nem choques culturais nas distintas tradições litúrgicas, nas Igrejas particulares, no confronto com a piedade popular, com os planos pastorais e programação civil. Isto requer, cada vez mais, uma pastoral do Ano litúrgico, até porque se nota, habitualmente, que os tempos litúrgicos são apenas mais uma ocasião para realizar iniciativas pastorais do que verdadeiras celebrações do mistério de Cristo.

Por isso, temos que recordar que o Ano litúrgico é o mistério de Cristo. O tempo está carregado de eternidade, onde Deus manifesta o seu plano salvífico, ou seja, o seu mistério. Assim, propomos-mos gradualmente a viver conjuntamente o chamado Ano pastoral em processo catecumenal do Ano litúrgico.

## **Calendário Diocesano de 2022/2023**

### **NOVEMBRO 2022**

- 27 - Domingo - Domingo I do Advento – Ano A
- Abertura do Ano Litúrgico-Pastoral

### **DEZEMBRO 2022**

- 01 - Quinta - Feriado - Restauração da Independência
- 02 - Sexta
- Escola dos Cursilhistas – Angra
- Conselho Regional do CNE no Pico (até dia 4)
- 04 - Domingo - Domingo II do Advento
- 06 - Terça - Encontro de "Meditação Cristã" - Ouvidoria de Ponta Delgada
- 07 - Quarta - Lançamento do livro "O culto ao Senhor Santo Cristo e ao Espírito Santo nos Açores" - Ponta Delgada
- Vésperas I no Santuário da Imaculada Conceição
- 08 - Quinta - Solenidade da Imaculada Conceição
- 10 - Sábado - Retiro para catequistas – Pico
- 11 - Domingo - Domingo III do Advento – Celebração com Jovens – Terceira
- 12 - Segunda - Encontro de cursistas no Pico
- 13 - Terça - Festa de Santa Luzia
- 14 - Quarta - Coordenadores da Pastoral Profética do Pico
- 15 - Quinta - Consoada de Natal no Seminário de Angra
- 17 - Sábado - Aniversário Natalício do Papa Francisco
- 18 - Domingo
- Domingo IV do Advento
- Transmissão da "Luz da Paz de Belém" dos Agrupamentos do CNE da Terceira - Sé
- 23 - Sexta - Dia das JMJ 2023
- 24 - Sábado - Vigília do Natal
- 25 - Domingo - Solenidade do Natal do Senhor
- 30 - Sexta - Sagrada Família de Jesus, Maria e José

31 - Sábado - Te Deum pelo ano 2022

### **JANEIRO 2023**

01 - Domingo - Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus e Dia Mundial da Paz

02 - Segunda - Encontro de Cursistas – Pico

03 - Terça - Regresso de férias

08 - Domingo - Epifania do Senhor – Dia da Infância Missionária

09 - Segunda

- Batismo do Senhor

- Conselho Pastoral de Ouvidoria de Ponta Delgada - Centro Pastoral Pio XII

10 - Terça - Curso de Preparação para Ministro Extraordinários da Comunhão - Centro Pastoral Pio XII (de 10 a 12)

14 - Sábado - Tomada e posse do 40º. Bispo de Angra

15 - Domingo

- Apresentação de D. Armando Esteves Domingues

- Festa de Santo Amaro

16 - Segunda - Colégio de Consultores

17 - Terça - Festa de Santo Antão

18 - Quarta - Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos (até dia 25)

19 - Quinta - Jornadas Diocesanas de Catequistas (até dia 22)

20 - Sexta

- Encerramento do primeiro semestre no Seminário

- Conselho de professores do Seminário de Angra

- Festa de São Sebastião

22 - Domingo

- Domingo da Palavra de Deus.

- Festa de S. Sebastião em Ponta Delgada

23 - Segunda

- 1º. Turno do retiro para o Clero em Ponta Delgada (até dia 27)

- Dia das JMJ 2023

25 - Quarta - Apresentação do livro sobre Dom Paulo José Tavares, Bispo de Macau no centenário do seu nascimento - Rabo de Peixe

26 - Quinta - Curso de Cristandade para Homens – Angra (até dia 29)

27 - Sexta - Celebração com Oração Ecuménica em Ponta Delgada

28 - Sábado - Festa de São Tomás de Aquino

29 - Domingo - Retiro e Assembleia dos Romeiros de São Miguel

30 - Segunda

- 2.º Turno do retiro para o Clero em Angra do Heroísmo (até dia 3)

- Encontro de cursistas – Pico

## **FEVEREIRO 2023**

01 - Quarta - Vigília de Oração pelos Consagrados

02 - Quinta

- Dia do Consagrado. Festa de N.ª. S.ª. da Estrela, da Luz e das Candeias

- Curso de Cristandade para Senhoras – Angra (até dia 5)

- Peregrinação a N.ª. S.ª. dos Milagres – Pico

03 - Sexta - Aniversário da Dedicção da Capela do Seminário

04 - Sábado - FDS – Açores – Comunidade Encontro Matrimonial

05 - Domingo - Dia da Universidade Católica

07 - Terça - Início do 2.º semestre

08 - Quarta - Encontro de Catequistas da Ouvidora da Praia da Vitória

11 - Sábado

- Festa de Nossa Senhora de Lourdes – Padroeira do Cabido

- Dia Mundial do doente

12 - Domingo - Domingo VI do Tempo Comum

14 - Terça - Conferência de Ouvidores (14-15) - Ponta Delgada

- 19 - Domingo - Domingo VII do Tempo Comum
- 21 - Terça - Carnaval
- 22 - Quarta de Cinzas – Retiro anual dos seminaristas (até dia 25)
- 23 - Quinta - Dia das JMJ 2023
- 24 - Sexta - Formação para Catequistas – Pico
- 26 - Domingo
  - 500 anos da Ermida de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. do Pranto – Nordeste
  - Junta do Núcleo do CNE do Pico
- 27 - Segunda - Jornadas Bíblicas – Pico (até dia 28)

### **MARÇO 2023**

- 01 - Quarta - Catequeses Quaresmais – Ouvidoria da Praia da Vitória
- 02 - Quinta - VI Jornadas de Teologia do Seminário (até dia 3)
  - Apresentação do Projeto da História dos 500 Anos da Diocese de Angra (2-3) - Angra do Heroísmo
- 03 - Sexta - Formação para catequistas – Pico
- 04 - Sábado
  - Retiro para catequistas – Terceira
  - Formação para Catequistas – Pico
- 05 - Domingo - Domingo II da Quaresma
- 08 - Quarta
  - Catequeses Quaresmais – Ouvidoria da Praia da Vitória
  - Peregrinação à Terra Santa (até dia 15) – SDMH
- 10 - Sexta
  - Aniversário natalício de D. Armando Esteves Domingues
  - Escola dos Cursilhos de Crisandade – Angra
  - Formação para Catequistas – Pico
- 12 - Domingo - Domingo III da Quaresma –Dia da Caritas
- 13 - Segunda - X aniversário de Pontificado do Papa Francisco
- 15 - Quarta - Catequeses Quaresmais – Ouvidoria da Praia da Vitória
- 18 - Sábado - Encontro de catequisandos do 5<sup>o</sup>. ao 7<sup>o</sup>. Ano – Pico

- 19 - Domingo - Domingo IV da Quaresma
- Dia do Pai
- 20 - Segunda - Solenidade de S. José (dia do Pai)
- 23 - Quinta
- Dia das JMJ 2023
- Catequeses Quaresmais – Ouvidoria da Praia da Vitória
- 24 - Sexta - VI Jornadas de Teologia do Seminário (até dia 25)
- 25 - Sábado
- Anunciação do Senhor – Jornadas de Teologia
- «24 Horas para o Senhor»
- 26 - Domingo - Domingo V da Quaresma
- 27 - Segunda - Encontro de Cursistas do Pico
- 30 - Quinta - Catequeses Quaresmais – Ouvidoria da Praia da Vitória
- 31 - Sexta - Acantonamento de Lobitos do CNE – Pico

### **ABRIL 2023**

- 02 - Domingo - Domingo de Ramos na Paixão do Senhor
- 03 - Segunda - Renovação das Promessas Sacerdotais na Região Pastoral do Nascente
- 04 - Terça - Renovação das Promessas Sacerdotais na Região Pastoral do Ocidente
- 05 - Quarta - Missa Crismal na Sé – Renovação das Promessas Sacerdotais na Região Pastoral do Centro
- 06 - Quinta - Missa Vespertina da Ceia do Senhor
- 07 - Sexta - Celebração da Paixão do Senhor
- 08 - Sábado - Vigília Pascal
- 09 - Domingo - Domingo da Páscoa da Ressurreição do Senhor
- 10 - Segunda - Retiro do Clero (até dia 14) – Iniciativa do Santuário do Senhor Bom Jesus
- 14 - Sexta - Escola de Formação dos Cursilhos de Cristandade – Angra
- 16 - Domingo - Divina Misericórdia. Festa de São Pedro Gonçalves- Vila Franca

- 22 - Sábado - Vigília de Oração pelas Vocações
- 23 - Domingo - Instituição de Ministério de Leitor (a confirmar) - Angra
- Semana de Oração Pelas Vocações (até dia 30). Dia do Romeiro
- Dia das JMJ 2023
- 25 - Terça - Conselho Presbiteral (25-27) - Ponta Delgada
- 29 - Sábado - Vigília de Oração pelas Vocações
- 30 - Domingo - Dia Mundial de Oração pelas Vocações

### **MAIO 2023**

- 01 - Segunda - Encontro de Padres Novos (1-3) - Flores
- 07 - Domingo - Dia da Mãe – Festa de São Miguel em Vila Franca do Campo
- 13 - Sábado - Festa de Nossa Senhora de Fátima
- 14 - Domingo
- Festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres
- Semana da Vida (de 14 a 21)
- 21 - Domingo
- Ascensão do Senhor - Dia Mundial das Comunicações Sociais
- Festa da Família em Vila Franca do Campo
- 22 - Segunda - Festa do Beato João Batista Machado
- Apresentação do álbum infanto-juvenil - Um Angrense dos Açores para o Mundo - Angra do Heroísmo
- 23 - Terça - Dia das JMJ 2023
- 27 - Sábado - Centenário do Corpo Nacional de Escutas
- Peregrinação nacional da Comunidade Encontro Matrimonial
- 28 - Domingo - Domingo de Pentecostes
- 29 - Segunda - Feriado: Dia da Região Autónoma dos Açores
- 31 - Quarta
- Visitação de Nossa Senhora
- Dia dos Irmãos

## **JUNHO 2023**

- 01 - Quinta - Dia Mundial da Criança
- 02 - Sexta - Encerramento do 2º Semestre - Conselho de Professores
- 04 - Domingo - Santíssima Trindade
- 08 - Quinta - Solenidade do Corpo de Deus
- 09 - Sexta - Encontro dos Animadores do Encontro Matrimonial
- 10 - Sábado - Encontro de catequisandos do 1º. ao 4º. Ano no Pico
- 11 - Domingo
  - Encontro de cursistas do Pico
- 13 - Terça - Santo António de Lisboa
- 16 - Sexta - Festa do Sagrado Coração de Jesus
- 17 - Sábado - Encerramento do Ano Letivo 2022-2023 no Seminário de Angra
- 18 - Domingo - Jubileus sacerdotais
  - Ordenações Diaconais (a confirmar)
- 23 - Dia das JMJ 2023
- 24 - Nascimento de São João Batista
- 29 - São Pedro e São Paulo

## **JULHO 2023**

- 3 - Segunda - VIII ACARAL – CNE – Lobitos (6-10 anos), Pico, até dia
- 16 - Domingo
  - Festas de Nossa Senhora do Carmo
  - Encontro de cursistas do Pico
- 22 - Festa de Santa Maria Madalena
- 23 - Terça
  - Dia Mundial dos Avós e dos Idosos
  - Dia das JMJ 2023
- 26 - Quarta - Dias das Dioceses das JMJ (até dia 31)

## **AGOSTO 2023**

1 - Terça - Jornadas Mundiais da Juventude – Lisboa 2023  
(até dia 6)

6 - Domingo - Festas do Senhor Bom Jesus – Pico

## CALENDÁRIO 2022 / 2023

SETEMBRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

OUTUBRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	F	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

NOVEMBRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
		F	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30			

DEZEMBRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
			F	2	3	
4	5	6	7	F	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

JANEIRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
F	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

FEVEREIRO						
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	E	22	23	24	25
26	27	28				

MARÇO						
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

ABRIL						
D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	F	8
P	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	F	26	27	28	29
30						

MAIO						
D	S	T	Q	Q	S	S
	F	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	R	30	31			

JUNHO						
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	
4	5	6	7	F	9	F
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

JULHO						
D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

AGOSTO						
D	S	T	Q	Q	S	S
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	F	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

# NOTAS PESSOAIS

Coordenação:  
Administrador Diocesano de Angra

Paginação e Design:  
União Gráfica Angrense Unipessoal, Lda.

2.000 exemplares  
Angra do Heroísmo – Terceira – Açores

Novembro 2022



**Aqui estamos,  
diante de Vós, Espírito Santo:  
estamos todos reunidos no vosso nome.  
Vinde a nós,  
assisti-nos,  
descei aos nossos corações.  
Ensinai-nos o que devemos fazer,  
mostrai-nos o caminho a seguir, todos juntos.  
Não permitais que a justiça seja lesada por nós pecadores,  
que a ignorância nos desvie do caminho,  
nem as simpatias humanas nos tornem parciais,  
para que sejamos um em Vós  
e nunca nos separemos da verdade.  
Nós Vo-lo pedimos a Vós que,  
sempre e em toda a parte,  
agis em comunhão com o Pai e o Filho  
pelos séculos dos séculos. Amen**